UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

DANIEL PEREIRA DA CRUZ SANTOS

LAMPIÃO DA ESQUINA E ESTAÇÃO PLURAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE PRODUTOS DA IMPRENSA *QUEER*

BRASÍLIA
2022

DANIEL PEREIRA DA CRUZ SANTOS

LAMPIÃO DA ESQUINA E ESTAÇÃO PLURAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE PRODUTOS DA IMPRENSA *QUEER*

Artigo apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Parente de Sá Barreto

BRASÍLIA
2022

DANIEL PEREIRA DA CRUZ SANTOS

LAMPIÃO DA ESQUINA E ESTAÇÃO PLURAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE PRODUTOS DA IMPRENSA *QUEER*

Aprovado em ____ de_____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Cristiane Parente de Sá Barreto
ORIENTADORA

_____

Profa. Dra. Délcia Maria de Mattos Vidal
BANCA

_____

Profa. Dra. Fernanda Casagrande Martinelli
Lima Granja Xavier da Silva
BANCA

_____

Profa. Dra. Janara Kalline Leal Lopes de Sousa
SUPLENTE

BRASÍLIA
2022

Dedico este artigo às almas livres e coloridas.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo, por meio de uma revisão histórica e também da análise comparativa dos conteúdos de Lampião da Esquina e Estação Plural, compreender se houve uma ascensão na forma de se produzir e abordar temáticas LGBTQIA+ nestes exemplos propriamente voltados para o público *queer*, como a inclusão de minorias anteriormente excluídas e a amplificação da diversidade nos corpos editoriais. Já se adianta a leitura de um contexto externo negativo para ambos os produtos, porém, apesar disso, foi construída uma mídia com temáticas diversas e profissionalismo, gerando repercussão positiva para a vivência LGBTQIA+ nacional, ressaltando uma melhora relativa da inclusão nesses 40 anos de intervalo.

Palavras-chave: Imprensa *queer*[1], LGBTQIA+, Estação Plural, Ditadura militar, Lampião da esquina.

[1] Embora o termo "*Queer*" tenha sido ressignificado apenas na década de 1980, pós Lampião da Esquina, categorizamos este produto como parte de uma "imprensa *queer*", sendo *queer* sinônimo de indivíduo participante da comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queers, Intersexo, Assexuais e outros), como trata Trevian (2018, p. 430). Logo, imprensa *queer* é a imprensa produzida e consumida por membros da comunidade LGBTQIA+.

ABSTRACT

Through a historical review and a comparative analysis of the contents of Lampião da Esquina and Estação Plural, this article seeks to understand if there was an ascension in the way of producing and approaching LGBTQIA+ themes in these publications, which are specifically aimed at the *queer* public, such as the inclusion of previously excluded minorities and the amplification of diversity in the editorial bodies. The reading of a negative external context for both products is anticipated, but despite this, a *queer* media with diverse themes and professionalism was built, generating positive repercussions for the national LGBTQIA+ experience, highlighting a relative improvement of inclusion in these 40 years of interval.

Keywords: *Queer* Press, LGBTQIA+, Estação Plural, Brazilian Military Dictatorship, Lampião da esquina

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1 - Linguagem usada em Lampião da Esquina…….. 22
Gráfico 2 - Presença de minorias em Lampião da Esquina…….23
Gráfico 3 - Temáticas mais frequentes em Lampião da Esquina…….……24
Gráfico 4 - Linguagem utilizada em Estação Plural……26
Gráfico 5 - Minorias representadas nas temáticas e nos convidados de Estação Plural…….26
Gráfico 6 - Temáticas abordadas em Estação Plural…….. 27

INTRODUÇÃO

No período final da ditadura militar brasileira, entre os anos de 1978 e 1981, circulou no território nacional aquele que é tido por Cruz (2018) como um referencial para o movimento LGBTQIA+, tendo se tornado o primeiro produto engajado da imprensa alternativa, feito e consumido prioritariamente pela comunidade *queer*, principalmente homens homossexuais. Diferentemente de outras publicações, que surgiram antes e miravam o mesmo público, Lampião da Esquina, primeiro produto LGBTQIA+ a ser analisado aqui, possuía um viés político e participava ativamente do movimento civil organizado pelas demandas e exigências da população LGBTQIA+ à época. Além de possuir questões variadas sobre sexualidade, não se limitava às pautas homossexuais, incluindo também as da população negra, transexual, as lutas feministas e de classe. Um verdadeiro vanguardista da imprensa *queer* e, por isso, objeto de estudo nesta pesquisa. Dado seu contexto de censura e represálias do Estado, um movimento estruturante de sua produção é o perfil denunciante das mazelas aplicadas à oposição do regime ditatorial, sendo a comunidade LGBTQIA+ uma das principais antagonistas. Logo, existia no período de Lampião da Esquina uma política estatal ativa contra a liberdade sexual dessa parcela da sociedade.

O segundo produto a ser analisado é um programa de TV produzido e executado por uma emissora pública, a TV Brasil, nos anos de 2016 e 2017. O Estação Plural traz temáticas que também enfocam a diversidade, sexualidade, história e pautas do movimento LGBTQIA+. Assim como seu veterano, Lampião da Esquina, a produção televisiva aglutina questões para além da sexualidade. Com quadros diversos e participações ilustres, os apresentadores guiam o telespectador por uma conversa múltipla que aborda temas como raça, religião, papéis de gênero, desigualdades socioeconômicas, dentre outros. Com esse programa, a TV aberta ganha mais espaço para assuntos relevantes e que continuam estigmatizados, fenômeno merecedor de estudos acadêmicos mais aprofundados.

São dois produtos de alta relevância na história da mídia LGBTQIA+ que possuem pautas e objetivos em comum, mas também carregam suas diferenças, como o formato e o veículo de transmissão. Exatamente por isso eles serão observados comparativamente no intuito de se absorver o conhecimento analítico represado nesse fenômeno a fim de enriquecer os estudos sobre sexualidade, diversidade e imprensa alternativa presentes hoje na academia, bem como abrir ainda mais as portas para os futuros trabalhos nesta temática. O que podemos perceber de avanços nesse meio tempo em relação aos produtos exibidos nessa mídia

selecionados para o trabalho? Que temas continuam despertando interesse? Houve um aumento de interesse na temática *gay*? Houve grupos que ficaram sub-representados?

Para responder ao problema de pesquisa deste trabalho, demonstrando quais modificações e manutenções ocorreram nos produtos *queers* escolhidos, ele se divide em três tópicos e subtópicos, baseados na metodologia sistemática de codificação analítica apresentada por Bauer (2008) e Bardin (2011), partindo de uma pré-análise, em que se organizou e decidiu os critérios de avaliação, passando pela categorização e exploração de cada material coletado. Em seguida, os resultados foram tratados e traduzidos em inferências qualitativas de cada um dos produtos separadamente, logo após a comparação de ambos. De acordo com os princípios de Bardin (2011) e Bauer (2008), a análise de conteúdo é aqui um instrumento de diagnóstico e sistematização das unidades de conteúdo para a produção de inferências.

O primeiro tópico, "Nasce o movimento e a mídia *Queer*", foca no surgimento tanto da imprensa *queer* brasileira como do movimento socialmente organizado pela liberdade sexual no território nacional. Em seguida, para nos aprofundarmos nos dois veículos de comunicação selecionados, discorreremos sobre o contexto existente durante o período em que Lampião da Esquina circulou (À luz de Lampião) e, da mesma forma, no contexto do surgimento do programa Estação Plural (Deu na Tevê).

Depois dessa contextualização, no tópico dois, "Organizando a análise," serão analisados dados obtidos e colhidos em cada uma das publicações, como temáticas e linguagens de cada uma delas, o que será detalhado nos tópicos "De olho em Lampião" e "Na tela da Estação". Tudo para que, no terceiro tópico, "Comparação entre Lampião da Esquina e Estação Plural – Alguns insights", se compare Lampião e Estação e seja observado se realmente existiu uma maior inclusão de minorias, se houve temáticas mais fluentes entre o público e avanços no tratamento de alguns temas quando compara-se um e outro, levando-se sempre em conta a diferença de tempo entre eles.

Para finalizar, o objetivo geral no escopo deste artigo pretende encontrar, por meio da análise de seus conteúdos, quais são as similaridades e idiossincrasias nos dois produtos de mídia escolhidos: Jornal Lampião da Esquina (1978) e o programa de TV Estação Plural (2017), e como eles podem apresentar a melhora na diversidade de temáticas, no corpo produtor e a resposta às críticas recebidas previamente. De maneira mais específica, temos como objetivos: i. contextualizar o ambiente social, histórico, político e econômico presente em cada uma das duas produções, por consequência, explanando o movimento LGBTQIA+; ii. analisar o conteúdo dos dois produtos, construindo assim um panorama temático e linguístico; iii. comparar os dois produtos voltados para o público LGBTQIA+, respondendo à problemática e confirmando ou não as expectativas iniciais do trabalho.

1 NASCE O MOVIMENTO E A MÍDIA *QUEER*

Eram reuniões com poucas pessoas, em sua maioria jovens atores e estudantes, trocando suas experiências da vida homossexual no Brasil do fim da década de 1970. Assim Trevisan (2018) descreve os primeiros momentos do que viria a ser o Grupo Somos, que foi responsável por demarcar o início do Movimento de Liberação Homossexual no Brasil, fato que ocorreu tardiamente, se comparado a outros lugares, como Estados Unidos e Europa, devido à repressão da ditadura instalada no Brasil.

Esses encontros, geralmente de forma clandestina e escondidos, como ressalta Macrae (2018), eram mal vistos tanto pela esquerda ortodoxa – que os lia como uma pauta secundária desviante dos objetivos principais da luta contra a opressão da força trabalhadora – como pela direita conservadora – baseada no moralismo –, o que remetia a tempos anteriores ao Século XVI. Nesse período, a Igreja, unida ao Estado, fiscalizava e punia quaisquer comportamentos desviantes da norma de uma doutrina cristã. Nesse caso, o sexo servia exclusivamente para a reprodução da espécie; logo, não havia espaço ou justificativa para o comportamento homossexual, apontamento também feito por Trevisan (2018). É importante destacar que não equiparamos essas três forças e que reconhecemos espaços de resistência dentro da Igreja, assim como a importância da própria esquerda dentro no movimento LGBTQIA+ brasileiro.

A partir desse primeiro grupo surgiram inúmeros outros espalhados por todo o Brasil. Um deles, o Grupo *Gay* da Bahia, ou GGB, que figura como o "mais antigo grupo em funcionamento ininterrupto e com história inigualável dentro do movimento LGBT do Brasil e da América Latina" (MOTT, 2018 p. 211). "No começo da década de 1980 já havia outros grupos ativistas gueis em São Paulo, Rio de Janeiro, Niterói, Belo Horizonte, Salvador, Brasília, Recife, João Pessoa e no interior do estado de São Paulo" (TREVISAN, 2018, p. 272).

Desde o início caracterizado pela força de resistência, luta por liberdade e enfrentamento aos medos mais intrínsecos de seus membros, o movimento organizado da comunidade – hoje chamada de LGBTQIA+ – se adaptou ao contexto presente. Isso se faz visível nos próprios vocativos referentes aos sexualmente desviantes, que passaram por um reducionismo no qual todos eram vistos como homossexuais – termo médico-científico cravado pela mídia e relatado por Trevisan (2018) – e pelo esculacho da comunidade ao ser chamada de fanchona (no caso das lésbicas), atos reforçados por uma força religiosa, que tentava relacioná-los a Sodoma[2].

[2] Cidade que, nas crenças cristãs, foi destruída por conta dos hábitos de sua sociedade, incluindo os sexuais, como abordado pela matéria do jornal El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/18/opinion/1466259786_550635.html. Acesso em: 21 mar. 2022.

> Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamentos a elas apropriados, especificando algumas ações como "certas" e proibindo outras como "erradas". Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é considerada um Outsider (BECKER, 2001, p. 15).

De acordo com o autor supracitado, em sua conceituação do que é ser desviante e de como esse fenômeno acontece em uma leitura do corpo coletivo, externamente à comunidade LGBTQIA+, quando se refere ao grupo como algo "errado" e intenta, por meio de insultos, como os exemplificados acima, como fanchona ou sodomistas, desqualificá-los ou desapropriar sua humanidade e participação social, essa questão inclui-se nas sexualidades não heteronormativas, que são lidas, em um contexto normativo, como desviantes ou fora daquilo que é majoritariamente tido como socialmente aceitável.

Essa organização coletiva conseguiu criar um cenário tal que possibilitou, na década de 2010, uma transição. Nesse período, a sigla foi, e continua sendo, constantemente revisada, com o objetivo de que cada mínima diversidade seja abarcada. Habitando esse mesmo período de agitação política e social, em que se contextualizou o surgimento de um movimento organizado pelas pautas e reivindicações da comunidade *queer*[3], ganha força a imprensa produzida e consumida por homossexuais aqui no Brasil.

Já na década de 1960 germinavam publicações, mesmo que artesanais e com tiragem menor, a exemplo das criações cariocas *Snob* e *Le Femme* e os produtos baianos como *O Tiranhinho* e *Little Darling*, entre tantas outras espalhadas pelo Brasil e estudadas por Rodrigues (2021, p. 89).

> Os periódicos sempre foram bons comunicadores das histórias da vida e dos sonhos. Além disso, eles criam verdadeiros espaços de manifestação de opiniões acerca de um certo tema, com alguma coerência ideológica entre si. Também colaboram para congregar um determinado grupo de pessoas que leem a mesma história e compartilham dos valores ali expressos, e que de alguma maneira se identificam com eles.

É claro o importante papel que a imprensa homossexual teve para o fortalecimento das identidades e lutas do movimento LGBTQIA+ no Brasil. Como confirma Macrae (2018), ambos estavam de mãos dadas para enfrentar as durezas encontradas durante todo o percurso histórico. Em meio a tantos conflitos e floresceres de ideias, bem como maior sensação de liberdade, surge aquele que virá a ser tido como o primeiro e um dos mais importantes produtos da imprensa LGBTQIA+ brasileira, o jornal Lampião da Esquina. De acordo com Rodrigues

[3] "*Queer*" é um termo ressignificado pela comunidade LGBT americana nos anos 1980 para simbolizar tudo aquilo que se desvia de uma norma heteronormativa, como trata Trevian (2018, p. 430).

(2021, p. 90), “o Lampião da Esquina foi o primeiro, em nível nacional, a abordar a questão da sexualidade, e principalmente da homossexualidade, além de lutar contra a repressão e o preconceito fortemente recrudescidos durante a ditadura militar”.

Lampião será mais explorado à frente. Aqui ele é citado para demonstrar a união quase univitelina entre os movimentos políticos e identitários com a imprensa gay durante a ditadura no Brasil. Fenômeno exemplificado por Macrae (2018), quando existiu apoio do movimento ao jornal Lampião, no momento em que sofreu um inquérito pela Lei da Imprensa no Rio de Janeiro, em agosto de 1978, por ofensas à moral e ao pudor público, cuja ação já ocorreu anteriormente no caso do colunista Celso Curi, do jornal Última Hora, também censurado.

Outra face das publicações com conteúdo homossexual são as produções eróticas, que permeiam a história desde a década de 1910 no Brasil,. tendo *O Rio Nu* como pioneiro, ao publicar, em 1914, o conto pornográfico homoerótico *O Menino Gouveia*. “A tiragem exata dessas publicações pornográficas é desconhecida, mas o simples fato de que o sexto da série reproduza um conto insolente sobre deleites eróticos entre homens indica, no mínimo, a existência de algum mercado para o tema homossexual” (GREEN apud SILVA, 2003, p. 69). Esse mercado se desenvolveu lentamente até chegar em periódicos de alta tiragem, como a G Magazine, em 1990.

> Acuada entre o pânico (ainda que amainado) da aids e as expectativas do novo milênio, a década de 1990 assistiu a uma definitiva inserção de homossexuais no mercado, em todos os sentidos. O consumo guei, que continuou crescendo vertiginosamente, revelou aos olhos da sociedade a capacidade de consumir a partir de necessidades homossexuais (TREVISAN, 2018, p. 293).

Com isso, a imprensa LGBTQIA+, em sua maioria voltada apenas para o público homossexual masculino, consegue absorver diferentes tematicas sob diversos veículos, a exemplo da revista multiconteúdo *Sui Generis*, de 1995, trabalhada em Silva (2003), ou a coluna diária, com temática homossexual, “*Coluna do Meio*”, redigida por Celso Curi e publicada no jornal paulistano *Última Hora*. Também pode-se citar como exemplo a *Noite Ilustrada*, produzida pela agitadora cultural Érica Palomino para a *Folha de S. Paulo*, entre 1992 e 2005, e tantas outras produções que se espalharam pós *boom-gay*, fatos apurados por Lima (2001) e Trevisan (2018).

Trazendo essas vivências para um tempo mais recente, é visível que “o espaço das novas mídias na internet também foi invadido por revistas e fanzines digitais, sites, blogs e programas no YouTube com temática LGBT de todos os tipos, muitas vezes implicando o ativismo e a cultura *queer*” (TREVISAN, 2018, p. 451). Nesse fenômeno cibernético, afere-se o absorvimento e protagonismo de pautas que até então estavam secundarizadas, mesmo dentro

da comunidade *queer*, como a vida lésbica, religiosidade LGBTQIA+, racismo estrutural, sorologia ou o processo de transição de gênero/sexo. Para além da produção feita especificamente por LGBTQIA+, também é vista a permanência e o crescimento da abordagem na grande mídia tradicional, que será explorada mais à frente.

No entanto, nem todas as letras da sigla tiveram o mesmo peso e visibilidade nesse primeiro momento. A pluralidade observada em relação aos demais grupos sociais também reverbera dentro da própria comunidade LGBTQIA+. Não se pode nomeá-la de homogênea, tendo em mente as diferenças de classe, raça, gênero, nacionalidade, profissões e tantas outras demarcações e identidades possíveis.

> Nos difíceis anos 1980, praticamente não houve nenhuma publicação dirigida a toda a comunidade. […] Havia um grupo de mulheres que frequentava o grupo Somos, mas que não se sentiam contempladas com as ações do grupo. Em pouco tempo elas criaram um subgrupo chamado Grupo Lésbico-Feminista (RODRIGUES, 2018, p. 242).

Dada tamanha diferença dentro do próprio movimento, ocorreram rachas tanto nos grupos de militância pela liberação sexual como nos produtos *queer*. Como exemplo, a criação do Grupo de Ação Lésbico Feminista (GALF), em 1981, ou a publicação do Chana com Chana, pioneira voltada específicamente às lesbicas no Brasil. Ambos abordados nos materiais de Rodrigues (2018), nasceram da insatisfação das lésbicas com as exclusões vividas no movimento massificamente *gay*.

O mesmo se estende para outras minorias sub-representadas, como pretos, deficientes, neuro-divergentes, imigrantes ou até membros da comunidade *queer*, como assexuais, intersexo e trans. Macrae (2018) constata que eles enfrentam uma dupla discriminação. Logo, praticam uma dupla militância dentro e fora do movimento[4].

Esta primeira seção, que visa a debruçar-se sobre o princípio do discurso e da mídia LGBTQIA+ no Brasil, podemos perceber como o Estado e o corpo social brasileiro agiam oficial e ativamente na repressão e negativação das existências LGBTQIA+, o que, evidentemente, refletia e era abordado nessa mídia à época, sendo o embate e resistência pilares em sua produção.

Uma leitura possível, e que orienta esta argumentação, é como o contexto histórico, político e social, desde o surgimento de um movimento politicamente organizado em prol da comunidade LGBTQIA+ brasileira, se tecia de maneira contraproducente ao avanço e

---

[4] Embora não tenha sido feita referência direta ao termo "interseccionalidade" no corpo do trabalho, acreditamos que ele perpassa o mesmo. "A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado" (AKOTIRENE, 2018, p.14).

acolhimento da liberdade *queer*. No entanto, mesmo estando contracorrente, é possível notar a movimentação ascendente desse grupo sub-representado, o que ratifica nosso prognóstico inicial baseado nas leituras e análises realizadas, mas que evitamos nomear de hipótese por considerarmos ainda prematuro.

Como antecipado pelo prognóstico, mesmo avançando, a população *queer* possuía pontos de atenção em sua produção midiática, como o espelhamento do patriarcado, a abordagem rasa das questões raciais, a transfobia e a abertura não completa aos demais subgrupos, o que delimita um caminho de fragilidade a ser trabalhado, tanto pelo movimento como pela imprensa LGBTQIA+, problemáticas essas que estavam bastante presentes na produção de Lampião da Esquina, como será descrito no tópico a seguir.

1.1 À LUZ DE LAMPIÃO

Com relação ao jornal Lampião da Esquina, que se fez durante um dos períodos mais politicamente conturbados na história brasileira – a ditadura de 1964 –, é nítida a presença de uma política sexual com origem no Estado, ponto excepcionalmente trabalhado por Quinalha (2018), havendo então um policiamento institucionalizado àqueles que representavam alguma ameaça ao sistema então vigente. “Nesse contexto, censurar os meios de comunicação e as expressões culturais era uma das mais relevantes armas que o Estado detinha para enfrentar os inimigos na “guerra permanente” contra o avanço do comunismo em suas mais variadas formas” (CARVALHO, 2014, p. 82).

No entanto, é necessário ressaltar aqui a abertura lenta da ditadura, que ocorreu no fim da década de 1970 devido às lutas e pressões advindas de diversos campos sociais. Trevisan (2018) aponta ainda o surgimento de um “desbum *gay*” que, basicamente, foi um momento em que o amor homossexual furou a barreira parcialmente e chegou mais próximo ao socialmente aceitável, contando com uma sensação social de maior liberdade e necessidade de expressão, inclusive com o questionar à esquerda ortodoxa, vindo da própria esquerda, exigindo libertação de paradigmas ligados a drogas, sexo e a outras tematicas.

Inspirados em uma onda internacional trazida pela visita do editor Winston Leyland, responsável pela publicação *gay* americana *Gay Sunshine Press,* ao Brasil e no cenário propício nacionalmente, intelectuais abertamente *gays* trouxeram à realidade, em 1978, “aquele que é considerado o primeiro veículo brasileiro de ampla circulação dirigido ao público homossexual - o jornal Lampião da Esquina” (RODRIGUES, 2021 p. 90). Já em seu primeiro número, a publicação contava com 11 personalidades formulando seu conselho editorial, incluindo

jornalistas, críticos de cinema e arte, escritores e até um artista plástico, como propôs Rodrigues (2021).

Nutrido pelo contexto combativo, o corpo editorial do jornal visava a contribuir para a delimitação das identidades homossexuais no país, de acordo com Rodrigues (2021). Junto ao recente Movimento Homossexual Brasileiro, queriam estrapolar, mesmo que minimamente, a bolha homossexual, ao visar a abordar temáticas como racismo, sexismo e até a transexualidade em suas sete seções e colunas fixas: *Opinião, Esquina, Ensaio, Reportagem, Literatura, Tendências e Cartas na Mesa*, sendo esta última um ponto de abertura para participação dos leitores, e as restantes sendo escritas pelo corpo redator do jonal com variedade temática,.

Esses vanguardistas não estavam livres das pressões sofridas dos ditadores ainda presentes, tanto que a primeira tiragem do jornal foi entregue secretamente embrulhada em um papel pardo, como discorre Rodrigues (2021). O jornal também foi vítima de perseguição jurídica, o que será melhor abordado à frente.

O Lampião da Esquina se diferenciava das demais publicações homossexuais brasileiras por seu profissionalismo e abrangência nacional, por isso Rodrigues (2018, p. 238) afirma que "foi o Lampião que inaugurou um novo tempo na história da mídia *gay* no Brasil". O jornal tornou-se único e pioneiro exatamente pela multiplicidade e clareza editorial dos seus objetivos, bem como as posições e ações tomadas referentes ao contexto de ditadura vivida durante sua circulação.

Seus antecessores, como o carioca *Snob*, traçaram de certa forma um caminho rascunhado para o que poderia ser o Lampião. *Snob*, por exemplo, é válido para estudos que buscam entender a linguagem e vivência própria aos homossexuais cariocas da década de 1960. Mas a limitação de público, basicamente um grupo fechado de amigos, e também das temáticas abordadas – que eram registros das festas, divulgação de "pontos para pegação", dicas de moda e afins –, como relata Rodrigues (2018), não oferece um horizonte tão amplo e múltiplo como as páginas de Lampião conseguem ofertar.

Evidentemente, variadas dificuldades foram enfrentadas para a permanência do jornal. A mais crítica, que inclusive foi pilar para o fechamento da produção, eram os desentendimentos dentro do próprio corpo editorial a respeito do caminho que deveria ser tomado. "Com as divergências acirrando-se dentro do conselho editorial, decidiu-se fechar o jornal, em julho de 1981, depois de três anos de vida e 37 números publicados mensalmente, com distribuição em todo o território nacional" (TREVISAN, 2018, p. 285)

Outra questão causadora de ruídos era a instabilidade financeira, vivida principalmente nas últimas tiragens do jornal. Como havia dificuldade em se conseguir anunciantes, o lastro do jornal era frágil, baseado na venda de livros e calendários *gays*. Trevisan (2018) afirma ainda

que esses pontos deixaram Lampião a desejar, se comparado às exigências midiáticas da época, o que levou o jornal a tomar ações drásticas que afundaram ainda mais a insatisfação de parte dos editores com o desvio ao projeto inicial, como a publicação de nudez e abordagem mais superficial e preconceituosa de temáticas.

> Certos setores do jornal mergulharam num vago populismo, brandindo descabidamente o travesti em contraposição ao guei-macho, o que acabou lhe dando um aspecto quase tão sensacionalista quanto os jornais da imprensa marrom. O resultado foi uma descaracterização das intenções iniciais do projeto, o que provocou uma sensível diminuição nas vendas de exemplares.(TREVISAN, 2018, p. 283)

Tantas barreiras ainda se somavam à crescente absorção das pautas LGBTQIA+ pela grande mídia, que contava com infraestrutura muito mais sofisticada, retirando qualquer possibilidade de competição com os pequenos jornais alternativos. “Foi esse o caso, por exemplo, de um jornal inicialmente recatado como a Folha de S.Paulo, [...] Nos anos 1980, porém, temas ligados à homossexualidade, ao movimento negro, ao feminismo e à ecologia invadiram suas páginas” (TREVISAN, 2018, p. 284).

Lampião foi voz para várias minorias impedidas de crescer, por motivos que variaram desde a religião até o preconceito científico. A publicação iluminou imaginários por onde passou e, embora sua luz tenha se apagado, serviu como combustível para outras gerações. Lampião, até metaforicamente, foi o maior exemplar de como, mesmo no contrafluxo, a produção LGBTQIA+ pode ser sinônimo não apenas de resistência, mas também de qualidade, impacto e luminância em tempos obscuros e pode gerar frutos para a comunidade *queer*, como o Estação Plural, ainda que décadas depois.

1.2 DEU NA TEVÊ

A imprensa LGBTQIA+ está em variadas plataformas. Com isso, ela se faz presente em diferentes meios de comunicação, levando uma mensagem proposital e organizada. Anteriormente, este trabalho fez um passeio pelas produções impressas, que no contexto temporal foi melhor empregada pelo movimento *queer* organizado das décadas de 1960 a 1980. Agora, para seguirmos analisando o segundo objeto deste estudo comparativo, o Estação Plural, o texto navegará pela televisão, sua história com as questões *queer* e também fará um salto temporal para tempos mais recentes, como o fim da década de 2010.

A televisão soube desde muito cedo, ainda na década de 1960, o potencial que personagens homossexuais traziam para alavancar a audiência, como bem citam Trevisan (2018) e Rodrigues (2021). Ícones da televisão brasileira, como Chacrinha, já utilizavam a

caricatura *gay* e trocadilhos para aquecer seus programas. “Chacrinha entremeava seus happenings com perguntas malandras ao público: ‘Quem gosta mais de chupar pirulito: o homem ou a mulher?’” (TREVISAN, 2018, p. 242).

A partir da década de 1980, começou-se a ver mais homossexuais nas telenovelas. “Trata-se de um tempero picante usado nos momentos apropriados, garantindo o crescimento da audiência, de maneira calculada, dentro de uma lógica simples: ‘o assunto gera polêmica, que gera Ibope, que aumenta o faturamento’” (TREVISAN, 2018, p. 243). Desde então, parecia parte de um regulamento que todas as histórias televisivas sempre contassem com ao menos um personagem *gay*, lésbica ou até mesmo transexual.

No entanto, é paradoxal o rechaço que a presença *queer* provocou em uma parcela conservadora e considerável da audiência, tanto que, por clamor público, o casal lésbico presente no título *Torre de Babel* (Rede Globo, 1998) foi morto em uma cena de explosão.

Trevisan (2018) destaca que também é questionável a forma como, mesmo a temática já sendo abordada nas teleproduções, os atores e atrizes eram aconselhados a, caso fossem homossexuais, não revelarem sua sexualidade na tentativa de não “corroer” a imagem, e por isso perder oportunidades de participação.

> Desses personagens, aos diretores, produtores e apresentadores mais interessava que desempenhassem a função do clown do que expressassem as suas habilidades profissionais, a sua cultura. E eles cumpriram esse papel com eficiência, até que os setores adeptos dessa moral idealizada se sentissem incomodados e passassem a reclamar e a exigir o seu banimento (RODRIGUES, 2021, p. 212).

Mesmo sendo um ponto de visibilidade para a comunidade LGBTQIA+, é possível elaborar críticas a essas exibições do ser *queer*. Com motivações questionáveis, na maior parte das vezes, a imagem do homossexual foi construída com uma caricatura escrachada para o divertimento de uma massa heteronormativa, como aponta Trevisan (2018) e Rodrigues (2021), tanto que é recorrente a imagem de humoristas vestindo a homossexualidade como personagem.

O pós-anos 2000 chega e traz consigo modificações estruturais essenciais para o contexto sociopolítico das produções LGBTQIA+ contemporâneas. Já em 2002, chegou à cadeira principal do Executivo nacional um representante progressista, Luiz Inácio Lula da Silva (do Partido dos Trabalhadores (PT)). Em seu governo, ele criou a primeira política pública brasileira de combate à agressão homofóbica, “Brasil sem Homofobia”, em 2004. Em 2009, foi criado, sob o governo Lula, o “Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBTs” (BULGARELLI, 2018). De acordo com o autor, ainda no governo do Partido dos Trabalhadores foi possível perceber um arrefecimento do debate positivo às causas LGBTQIA+, sentido principalmente por conta das alianças elaboradas no governo de Dilma

Rousseff (PT) e que perdurou pelo governo de Michel Temer (Movimento Democrático Brasileiro (MDB) , ainda de acordo com Bulgarelli (2018).

A partir de 2016, ressurge uma onda de conservadorismo que deslancha em boa parte do globo, incluindo o Brasil. Unida à internet, é visível a crosta grossa de um discurso odioso contra as minorias, inclusive as sexuais e com consequências observadas na estrutura geopolítica, como a eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos. "Abusando do território caótico da internet, o clima de ódio trouxe à cena o conceito de pós-verdade, baseado nas fake news e na arte de manipular multidões" (TREVISAN, 2018, p. 372).

No parlamento brasileiro, a bancada conservadora – formada por religiosos, militaristas e representantes do agronegócio – utiliza seu poder para congelar e até propor reações negativas ao corpo *queer* brasileiro. Questões reforçadas pela presença crescente de um "ciberativismo", termo utilizado por Bulgarelli (2018) para descrever a participação política dos indivíduos via internet.

> Pode-se dizer que a modulação de discursos e posicionamentos políticos na esfera da internet, em diversas situações, viabiliza processos intensos de aprendizado político. Isso remete também a uma produção intelectual crescente realizada por e para pessoas LGBTs, do qual destaco sobretudo o protagonismo de travestis, homens e mulheres trans e pessoas intersexo inseridos cada vez mais nos circuitos de produção de conhecimento (BULGARELLI, 2018, p. 493).

Exatamente do parlamento surgiu aquele que viria ser o representante máximo desse conservadorismo e institucionalização da LGBTQIA+fobia, Jair Bolsonaro (Partido Liberal (PL).

> Destacava-se aí a figura maquiavélica do deputado Jair Bolsonaro, expoente da bancada da bala. Capitão da reserva do Exército, defensor da ditadura militar, admirador de torturadores, racista, inimigo declarado do feminismo, crítico dos direitos humanos e homofóbico de carteirinha, concentrou ao seu redor forças reacionárias da mais legítima estirpe que, ato contínuo, somaram forças com a bancada evangélica no combate à pauta de direitos LGBT (TREVISAN, 2018, p. 373).

Em primeiro de janeiro de 2019, Jair Messias Bolsonaro (PL) tomou posse como presidente da República Federativa do Brasil. Dentro de suas intenções governamentais estava a retirada de direitos dos LGBTQIA +, destacadas em suas suas frequentes falas de ataque às minorias que marcam seu governo. Em meio a essa efervescência político-social, ambiguamente negativa à comunidade *queer* brasileira e global, resiste a imprensa *queer*, produzindo diversos agrupamentos midiáticos, por variados meios, como o Estação Plural, que compõe nosso objeto de estudo.

Essa somatória de fatores externos tão avessos ao bem-estar LGBTQIA+ remonta, de forma diferente, a barreiras que sempre estiveram presentes na história da comunidade *queer*,

constantemente demarcada por uma resposta persistente em busca da liberdade. Diversos são os ataques. Variam desde fake news, como a mamadeira com formato de pênis a ser distribuída em escolas infantis com a suposta intenção de pregar a ideologia de gênero – como aponta Reis, Cunha e Abreu (2020). Até a institucionalização de uma política pública limitante, como tem buscado a ministra da mulher, família e direitos humanos, Damares Alves, com sua insistência em ler como família apenas aquela formulada dentro de uma lógica heteronormativa, bem como ter afirmado que "menino veste azul e menina veste rosa", claramente argumentando contra a expressão de gênero trans.

> Não é de hoje que campanhas eleitorais recorrem à estratégia de produção de pânico moral e divulgação de notícias falsas. Na última década, esses ataques se voltaram para temas relacionados aos direitos sexuais e reprodutivos sob o argumento de que se trata de uma forma de proteção à "família" e à "infância", ambos supostamente ameaçados pelo que chamam de "ideologia de gênero (REIS; CUNHA; ABREU, 2020).

São muitas as estratégias de um grupo politicamente conservador, de constranger minorias, passando por referências ao nazismo, criação de projetos como o "escola sem partido" e até a polêmica "cura *gay*", que se baseia na possibilidade de a sexualidade ser moldada por uma terapia cognitiva psicológica para o "conserto" de um desvio sexual causador da homossexualidade.

1.3 "ESTAÇÃO PLURAL: TV BRASIL ESTREIA AMANHÃ PRIMEIRO PROGRAMA LGBT EM REDE ABERTA"

É pouco antes desse contexto que surge, em 2016, o primeiro programa LGBTQIA+ veiculado em uma emissora da TV aberta brasileira, como destaca a manchete de Sayonara Moreno para a Agência Brasil, em 2016, que dá título a este tópico. O programa, que traz um convidado para cada episódio, aborda, em seus 50 minutos de duração, temas variados, deixando seu último bloco sempre reservado para algum ponto referente à comunidade LGBTQIA+. Além das temáticas e debates que recheiam o programa, os apresentadores e produtores são também parte da comunidade *queer* e com histórico em produções LGBTQIA+. Fazem parte do elenco de apresentadores a cantora e compositora lésbica Ellen Oléria, o jornalista *gay* Fernando Oliveira (Fefito) e a cantora trans Mel Gonçalves (Moreno para Agência Brasil 2016).

De acordo com a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), detentora da TV Cultura, emissora que transmitia o programa semanalmente, a produção "reflete os valores que norteiam

a ação da TV Brasil, como o respeito aos direitos humanos e à liberdade de expressão, além do exercício da cidadania", como divulgado pela empresa em nota à reportagem de Moreno (2016). A resposta, ao menos virtual, se mostrou positiva à circulação do programa durante a estreia na TV, como trouxeram à tona publicações celebrativas de internautas a respeito da produção, também presentes na matéria da Agência Brasil (2016).

Ao se ter um veículo de imprensa ligado ao Estado, declarando e apoiando publicamente produções LGBTQIA+, é palpável uma diferença em relação aos tempos de Lampião da Esquina, em que as mãos do Estado pesavam firmemente contra qualquer produção do gênero por ser contra os princípios da moral e bons costumes ou por participar da implementação de um "regime comunista" no Brasil.

Por motivos diferentes, mais uma vez uma obra *queer* se apaga no universo midiático brasileiro. As forças governamentais, representadas pelo presidente brasileiro, escolheram outros caminhos para a emissora e seus produtos. Aqui não havia espaço para tais temáticas. Orth e Soares (2020) questionam como esse e demais programas foram descontinuados, enquanto nasciam outros que faziam propaganda explícita ao atual governo, como parte de sua pauta de privatizações.

Novamente, pontuando a força de resistência da comunidade LGBTQIA+, após 40 anos de contraste, o resultado é de similaridades e idiossincrasias. A harmonia é encontrada quando o objeto observado é a vontade de existir, de comunicar, de viver que a parcela *queer* apresenta durante todo o percorrer da história. Já as diferenças, aqui lidas positivamente, são o fruto daquilo que se plantou ao ser criado um grupo politicamente organizado ou a manutenção de publicações homossexuais com circulação nacional. Em ambos os contextos, são notadas forças opositoras, ora oficializadas, ora, teoricamente, repudiadas.

O Estado, que punia e silenciava a sexualidade divergente, é aquele que hoje, nas leis, coíbe e protege da LGBTQIA+fobia. Nada dado, sempre conquistado. Agora, é possivel ligar a TV no mês do orgulho e assistir a programas especialmente tematizados na emissora de maior alcance nos lares brasileiros, novelas que escrevem a vivência trans, reportagens retratando a infância *queer*, tudo ainda merecendo críticas, seja pelo crescimento e concretização do poder econômico desse público, seja pela forma, ainda deficitária, de se representar aqueles que nunca foram representados – como utilizar-se de atores e atrizes cisgêneras para contar a história de um personagem trans. O tratamento midiático se tornou ainda mais inclusivo, com ressalvas, melhor explorado nas análises de dados que se iniciam no próximo capítulo.

2 ORGANIZANDO A ANÁLISE METODOLOGICAMENTE

A partir dos princípios para a análise de conteúdo elaborados por Bauer (2008), também repercutindo a metodologia sistemática de codificação analítica apresentada por Bardin (2011), construiu-se os critérios prévios para categorização e avaliação dos conjuntos conteudísticos, visando a agregar ao projeto uma metodização objetiva e organizada das unidades de texto e vídeo, possibilitando deduções, construções de perfis e mapeamento de contextos. Foram categorizados e descritos cada segmento (reportagens, colunas, contos, relatos e outros conjuntos de conteúdo) presente no primeiro ano de tiragem do jornal Lampião de Esquina, entre os anos de 1978 e 1979, com 12 edições, disponíveis para acesso público, por iniciativa do Grupo Dignidade[5]. A mesma análise de conteúdo foi aplicada à primeira temporada de Estação plural, com 36 episódios e 169 blocos, transmitida em 2016.

Após esse minucioso trabalho de exploração dos materiais, os resultados foram tratados e traduzidos. Com isso, foi possível a inferência de diversas conclusões, tanto dos produtos de maneira individual como dos dois comparativamente. Os diagnósticos obtidos nessa análise dos conteúdos são apresentados detalhadamente a partir do próximo tópico, que é de estudo do conteúdo escrito em Lampião.

Na amostra de Lampião, com 447 unidades textuais, cada matéria foi representada em até quatro palavras-chave que detêm os temas, logo o conteúdo desses escritos. Também foram enunciados os grupos socialmente sub-representados abordados em cada conjunto textual. Concomitantemente, foram categorizadas as linguagens de apresentação em cada argumento para a comunicação da mensagem incluída naquele bloco. Tudo com o objetivo de se compreender o que, em qual nível de diversidade e com que grau de presença na discussão sobre sexualidade. Por consequência, tido o contexto histórico dessa produção, será possível um panorama de análise dos conteúdos e reações dessa parcela da imprensa *queer* durante a ditadura brasileira de 1964, sendo esse um dos objetivos principais deste estudo, tendo em mente a comprovação ou não da suposição anterior, para a resposta de algumas perguntas simples: o que era falado há 40 anos na imprensa *queer*? Como se compara a produtos mais recentes? Há muita diferença? Em qual nível?

Essa metodologia foi adaptada e aplicada também em Estação Plural. Partimos de uma pré-análise, em que organizamos e decidimos os critérios de avaliação, passando pela categorização e exploração de cada material coletado, visando à produção de inferências a partir

[5] Grupo atuante na promoção da cidadania LGBTQIA+. Disponível em: http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/. Acesso em 18 fev. 2022.

do conteúdo produzido para Estação Plural. Com isso, esta análise se dividirá em três grandes blocos: análise individual de Lampião da Esquina, análise do Estação Plural e, finalmente, uma comparação entre os dois produtos da mídia LGBTQIA+ , compreendendo suas singularidades enquanto veículos de comunicação de meios diferentes e concentrando-se em aspectos como temas e termos. No próximo tópico, serão descritos e analisados os dados de Lampião da Esquina.

2.1 DE OLHO EM LAMPIÃO

Para iniciar a análise do primeiro produto com relevância da imprensa *queer*, este estudo recolheu dados de cada uma das sete seções fixas dos 12 números no primeiro ano editorial do jornal que circulou nos anos de 1978 e 1979.

As seções fixas são: *Opinião*, uma forma de editorial em que o corpo redator consegue apresentar de forma mais direta suas ideias sobre o contexto presente; *Esquina*, uma seção opinativa, com temas variados e quentes do momento; *Ensaio*, sessão ainda opinativa, mas de forma mais profunda e estruturada; *Reportagem*, uma seção mais jornalística que dá espaço a entrevistas e matérias informativas; *Literatura*, a iniciativa do jornal em fomentar o consumo literário por parte de seus leitores; *Tendências*, um guia de comportamento *gay* que fala da agenda cultural e publica resenha de livros, filmes, shows, músicas e outros produtos culturais; *Cartas na Mesa*, voz ao leitores, seus incômodos, sugestões, relatos e afins.

O corpo editorial se desdobrava para manter as seções vivas e atuantes. No primeiro ano estudado, foram produzidas 447 matérias, colunas, contos, conjuntos textuais e imagéticos. Com isso, o resultado das temáticas e palavras-chave presentes foi de 535 códigos, utilizados 1.281 vezes para categorizar os conjuntos de cada edição.

Os resultados mais qualitativos, a partir da linguagem utilizada na escrita do jornal, conforme Gráfico 1 a seguir, apresentam algumas características que permeavam os interesses comunicacionais e identitários do editorial em Lampião. Em primeiro lugar, figura a resenha de acontecimentos culturais, festas, shows, livros. Isso evidencia as intenções de que o jornal funcione como um ponto de referência para a construção do senso crítico de seus leitores, como um guia do que é agradável e o que seria desinteressante ou repulsivo. Mais uma vez, o jornal busca construir a identidade do que é ser *gay* no Brasil na época. Atitude reforçada pela forte presença da linguagem comportamental, crítica e editorial.

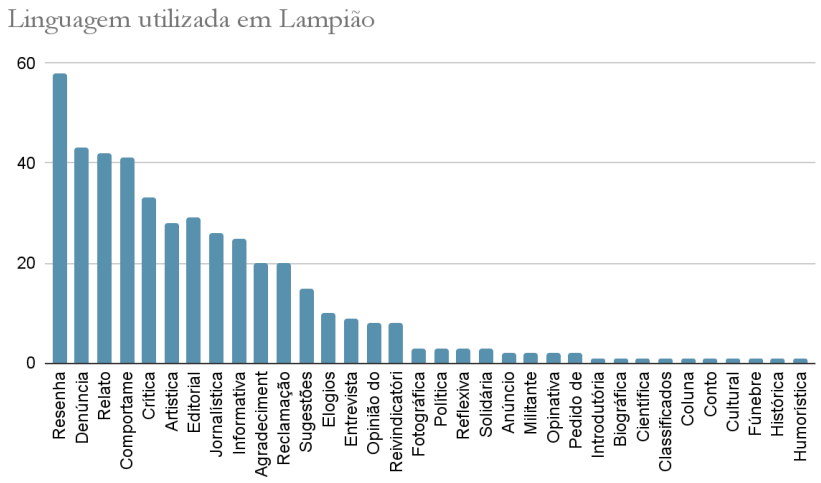
Outra via, finamente relacionada ao interesse de Lampião em ser referência identitária LGBQIA+, é a presença frequente de blocos artísticos com contos, poemas, gravuras e charges,

com a finalidade de estimular a produção e o consumo para além de conteúdos pornográficos, muito comuns às produções homossexuais contemporâneas ao jornal.

Em segundo lugar, há a linguagem de denúncia, reflexo dos abusos e maus-tratos sofridos pela comunidade LGBTQIA+ nesse contexto e que criaram essa reação delativa do jornal, mais um item que esteve sempre claro nas mensagens e posicionamento do conselho editorial.

Em resumo, por meio da linguagem, coteja-se Lampião como uma fonte de identidade e representante daquilo que incomodava a comunidade *queer* e outras minorias de interesse do grupo editorial.

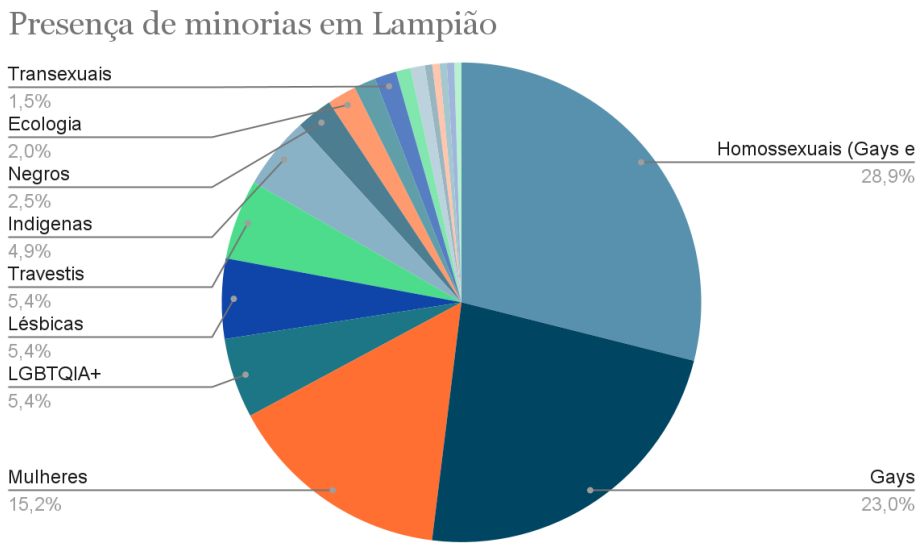
Gráfico 1 - Linguagem usada em Lampião da Esquina.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A inclusão e abordagem de grupos socialmente minorizados é essencial para a observação e compreensão de como era o relacionamento de Lampião com as minorias que o editorial prometia incluir. Tem-se elencado, no primeiro ano de Lampião, a seguinte sequência na presença de minorias, como mostra o Gráfico 2.

Gráfico 2 - Presença de minorias em Lampião da Esquina.

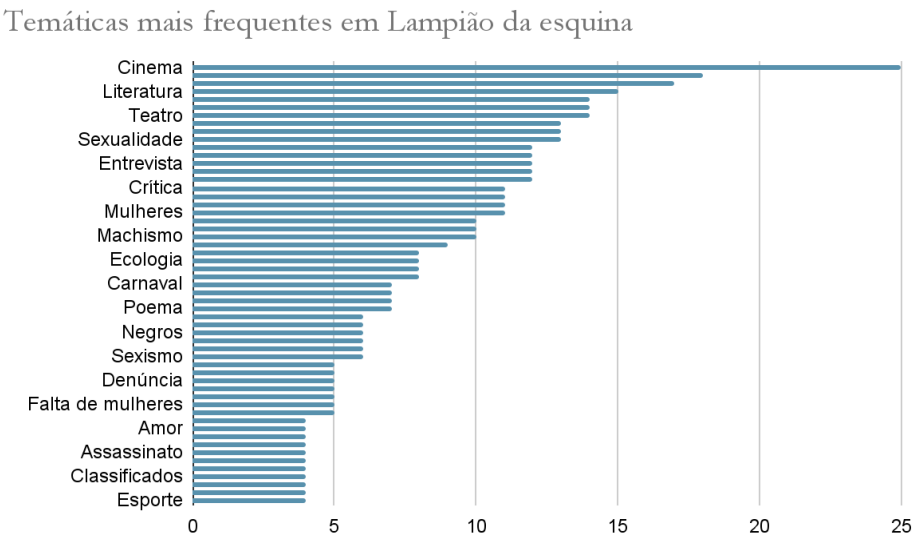


Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Materializa-se aqui uma das críticas já citadas no corpo deste trabalho, que é a presença majoritária (51,9%) de *gays* e homossexuais (masculinos e femininos) nas temáticas do jornal e fraca presença relativa de outros grupos, como mulheres (15,2%), lésbicas (5,4%), travestis e transsexuais (6,9%), negros (2,5%) e indígenas (4,9%). É perceptível que houve uma tentativa de inclusão, mas a crítica é que poderia ser maior, mais orgânica e constante. Foi encontrada, nesse primeiro ano, apenas uma referência ao poliamor, nenhuma à assexualidade, à demissexualidade ou a pessoas com deficiência. No entanto, temas como a ecologia, defesa da Amazônia e os animais estiveram presentes em 2% no conteúdo.

Seguindo com a análise de conteúdo, agora chega-se àquela que talvez seja a parte mais importante dessa seção, as temáticas mais abordadas em todo o produto desse primeiro ano editorial em Lampão da Esquina (1978-1979). Parece se repetir o que aconteceu na análise da linguagem. Lampião se apresenta muito comportamental, identitário e denunciante, focado no contexto de ditadura e da censura brasileira. Mesmo lançando um olhar nacional, ainda era muito frequente falar do contexto carioca. Infere-se a diversidade nos temas, com peso maior para textos artísticos e culturais e também uma tentativa de retratar outros membros, além dos *gays*, da comunidade LGBTQIA+.

Gráfico 3 - Temáticas mais frequentes em Lampião da Esquina.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Dos 535 temas que figuraram nessas 12 edições de Lampião, os 50 mais frequentes foram, respectivamente: cinema; visão contra a ditadura; censura; literatura; feminismo; música; teatro; crítica à lampião; Rio de Janeiro; sexualidade; arte; ditadura; política; travestis; imprensa *Gay*; indígenas; mulheres; ciência; fotografia; machismo; pontos de encontro *GAY*; agenda cultural; ecologia; homossexualidade; Carnaval; lésbicas; perseguição a homossexuais; crítica ao capitalismo; literatura homossexual; negros; personagem *gay*; religião; sexismo; agenda homosssexual; Copacabana; estudos sobre homossexualidade; estudos sobre sexualidade; falta de mulheres no jornal; homofobia; agressão a homossexuais; amor; arte homoerótica; assasinato de homossexual; assassinato; bar *gay*; Carmem Miranda; dança; eleições; esporte; EUA; exposição de arte e festas.

Ainda dentro dos temas presentes em Lampião, é possível observar que a maior parte das matérias (79%) faz relação direta (40% dos casos) ou indireta (60% dos casos) a algum tópico da sexualidade, seja ela homo, bi ou heterossexual, em pontos mais diretos como o desejo sexual até os mais subjetivos, como as amarras sociais referentes ao orgasmo ou desempenho sexual. Enquanto apenas 21% das matérias abordam temas que não se referem de forma alguma à sexualidade, ponto que será comparado à produção do outro objeto de estudo, o Estação Plural.

Ao dividirmos os conjuntos textuais em grandes blocos de temas macro, percebemos que a maior parte das matérias (39%) faz parte do universo comportamental, ou seja, diz respeito à agenda cultural, ao imagético da identidade LGBTQIA+ e à rotina dessa comunidade,

o que, novamente, se encaixa no ideal editorial de Lampião, que desejava colaborar para a construção de uma imagem social do ser LGBTQIA+ e guiar a padronagem destes.

Logo após tem-se a categoria opinativa (com 31,3% do conteúdo), que colabora ainda mais para esse senso identitário *queer*. Assuntos referentes à política, sociedade e ciência somam 27,7% do total, demonstrando a preocupação do jornal em se posicionar no seu contexto, discutir temas mais generalistas e também trazer informação e entretenimento ao seu público. Os 2% restantes são informações gerais sem muito teor ideológico ou de agenda.

Resumidamente, Lampião foi um jornal à frente de seu tempo, pioneiro ao tratar as questões LGBTQIA+ com maior profundidade e também ao incluir temas alheios às expectativas de uma obviedade homossexual. Ele tentou e conseguiu criar uma identidade para si e seus leitores, pretendendo lançar uma padronagem para os não normativos. No entanto, como os próprios leitores já diziam na seção *Cartas na Mesa*, faltou representatividade além dos homossexuais e uma linguagem menos "elitista", por se focar tanto em arte, literatura e agendas culturais não tão populares, diferentemente de Estação Plural, que será analisado no tópico seguinte.

2.2 NA TELA DA ESTAÇÃO PLURAL

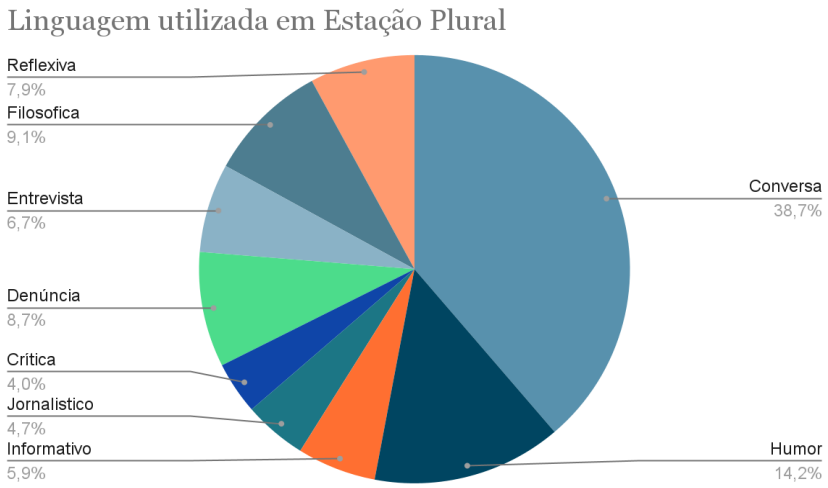
É a vez de se analisar os conteúdos produzidos e televisionados na TV Brasil pelo *talkshow* Estação Plural. Foi escolhida a primeira temporada, veiculada em 2016, que tem 36 episódios, cada um com três blocos, o último sendo obrigatoriamente com temáticas LGBTQIA+ e os outros dois configurados pela conversa com um convidado externo. É marca registrada, em cada episódio, acontecer o momento Aurélia, em que se pergunta ao convidado qual seria o significado de uma palavra do pajubá, dialeto criado para comunicação entre a comunidade LGBTQIA+. Esse último funciona como um alívio cômico entre os assuntos tratados.

Essa primeira temporada do programa contabiliza 169 blocos, incluindo o quadro *Aurélia.* Os bloccos foram destrinchados em 303 palavras-chave, utilizadas 458 vezes. Nessa conta, porém, não entraram os blocos do dicionário Pajubá, por não representar exatamente um peso temático para esta análise, apesar de compreendermos que se trata de um excelente *corpus* de análise para artigos futuros, com outros objetivos.

Por ter um formato de *talkshow*, a linguagem utilizada durante os blocos do Estação é centralmente uma conversa descontraída entre os participantes daquele episódio. Embora, por vezes, o assunto seja sério e o tom se torne mais sisudo, no geral, a intenção é a leveza, por

vezes até humorística. As conversas são sempre orientadas por um tema, o que traz uma característica própria para cada ponto nessas conversas, ora reflexivas e filosóficas, ora críticas e denunciantes. Durante o programa, a audiência é indiretamente levada a consumir as mais diversas temáticas em uma linguagem pessoal do apresentador ou convidado, conforme explicita o Gráfico 4.

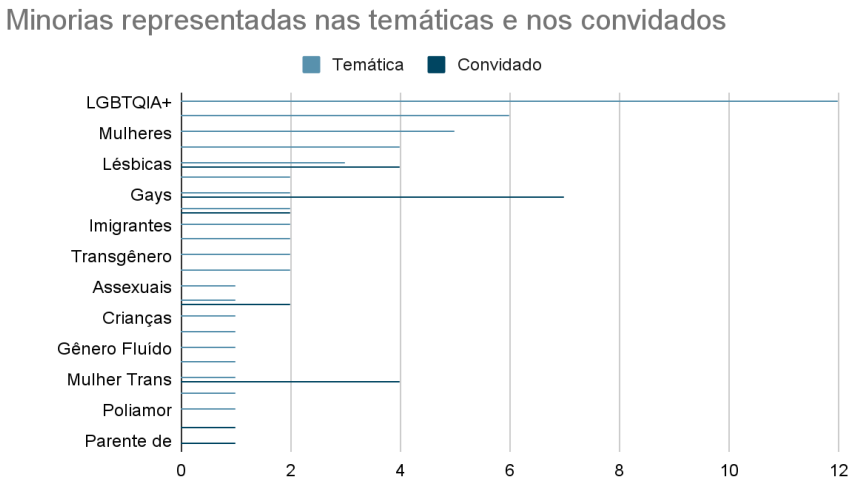
Gráfico 4 - Linguagem utilizada em Estação Plural.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Plural é o sobrenome qualificante do programa. Com isso, supostamente, a abordagem de grupos socialmente sub-representados deve ser compatível com a proposta, tanto nas conversas quanto nos convidados escolhidos para participarem de cada episódio.

Gráfico 5 - Minorias representadas nas temáticas e nos convidados de Estação Plural.



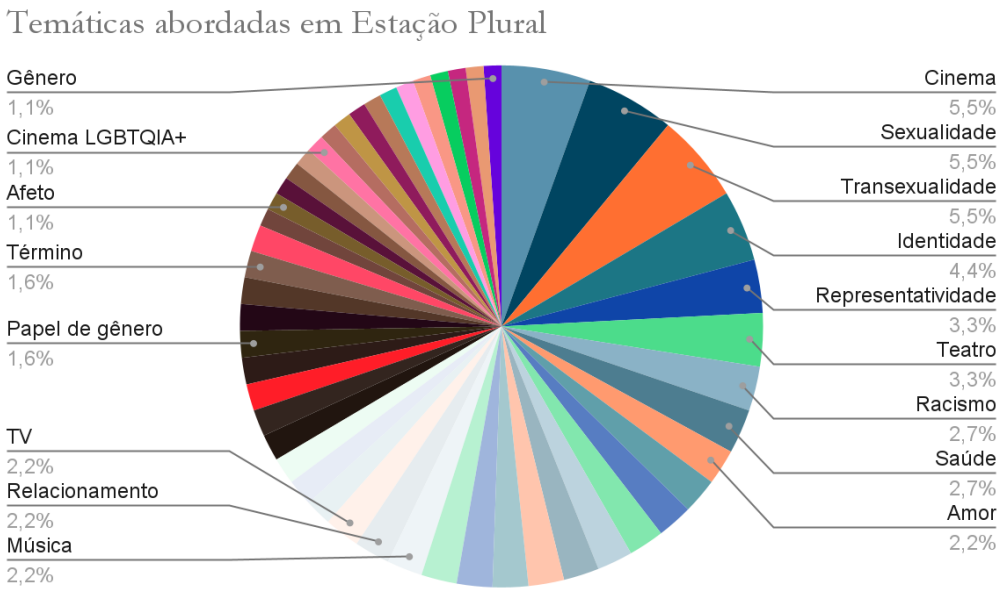
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Como se afere no Gráfico 5, a partir dos dados coletados, tanto das minorias representadas nas conversas como dos convidados, a universalidade é característica majoritária na produção de Estação Plural. A comunidade como um conjunto é referida em 23% das conversas e está em primeiro lugar no ranking geral das temáticas. Há a presença de assexuais, bissexuais, homens e mulheres trans, drags, lésbicas, negros, gênero fluido, imigrantes, travestis, crianças transexuais e outros em uma relativa harmonia estatística. O programa faz jus ao sobrenome e abarca pluralmente os membros da comunidade *queer*.

Um ponto a se observar é que a maior parte dos convidados LGBTQIA+, tanto para o programa como para a participação nos blocos especiais, é formada por homens *gays* (33%) seguido por lésbicas (19%), mulheres trans (14%) e homens trans (10%). Os demais variam entre bissexuais, assexuais, não binários e parentes de LGBTQIA+ (somando 24%), quando os LGBTQIA+ são convidados, em 23% dos casos. Ou seja, 77% dos convidados não são diretamente LGBTQIA+, mas, sim, aliados da causa. Sendo assim, nas conversas se debate muito pluralmente, mas os convidados são majoritariamente não LGBTQIA+.

Fazendo uma análise mais direta dos temas presentes em cada um dos 169 blocos dos 36 episódios na primeira temporada de Estação Plural, percebemos o seguinte:

Gráfico 6 - Temáticas abordadas em Estação Plural.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

De acordo com o que podemos observar no Gráfico 6, mesmo a amostragem sendo de 50 dos 303 temas categorizados pela análise, é nítida uma simetria e amplitude dos tópicos. Ou seja, se fala de muitos elementos com um peso relativamente bem distribuído. Por ter uma

linguagem mais dialógica e suas temáticas serem muito amplas, existe uma identificação orgânica com o público e com pouco interesse em se definir uma identidade sólida e padronizada do que é ser LGBTQIA+. Há também mais espaço para a flexibilidade e a autoconstrução, ponto que difere do que acontecia em Lampião da Esquina, como detalharemos adiante.

Reunindo os temas em uma visão macro, em grandes subgrupos de temas relacionados, temos os seguintes resultados: questões comportamentais (42%) e temas sobre política, sociedade e ciência (41,5%) se equilibram como protagonistas na maior parte das conversas; opinião vem logo depois, com 14,2%, e o gênero informativo por último, com 2,3% do total dos textos. Com isso, conclui-se que os debates sobre o cotidiano geral e a vivência dos participantes e apresentadores somam juntos 83,5% de tudo o que foi discutido. 61,5% desses diálogos fazem referência direta (58,7% dos casos) ou indireta (41,3% dos casos) a objetos da sexualidade, seja ela homo, bi, hetero ou assexual. Já temas alheios à sexualidade figuram com 38,5% daquilo que passa por Estação Plural.

De forma geral, os episódios de Estação Plural são, ironicamente, plurais. A lógica que guia o fluxo temático é dialógica e aberta à individualidade de cada um. Além de temas amplos, existe representatividade tanto no corpo apresentador como na produção e nos roteiros, embora sinta-se a ausência de uma majoritária parcela de LGBTQIA+ convidada. Como reflexo de tempos mais híbridos, fluídos e múltiplos, absorvendo o propósito primeiro de comunicação pública da TV Brasil, que foi temporariamente desviado por um governo extremamente enviesado, a Estação Plural, mesmo sem roteiros e temáticas muito arrojadas, cumpre um papel de inclusão mais absoluta. A comparação com Lampião da Esquina será melhor elaborada a partir dos resultados de cruzamento dos dados, que pode ser vista no próximo capítulo.

3 COMPARAÇÃO ENTRE LAMPIÃO DA ESQUINA E ESTAÇÃO PLURAL – ALGUNS *INSIGHTS*

Umas das possibilidades e finalidades da análise de conteúdo, de acordo com Bauer (2008), é exatamente a comparação clara e objetiva entre diferentes produtos, em diferentes espaços temporais. Com essa justificativa, este trabalho anseia construir uma ponte entre os dois produtos da imprensa *queer* brasileira que, apesar dos 40 anos que os separam e de algumas divergências, inclusive contextuais, partilham entre si tantos pontos em comum.

A suposição previamente defendida é a de que, mesmo com a presença de várias barreiras e com diversas limitações, a imprensa *queer* surgiu, se manteve e amadureceu. Nos tempos de ditadura existiam imposições declaradas do Estado em relação aos LGBTQIA+, o

que, em teoria, é diferente do contexto em Estação Plural, que apresenta não só a liberdade mas também a proteção dessas minorias. Além disso, de acordo com nossa pesquisa, acreditamos que ambos os produtos refletiram seus tempos e interagiram com resistência em defesa à liberdade sexual. Até o momento, essa conjetura se confirma na revisão bibliográfica-histórica e também nas análises individuais dos produtos. Agora a questão a ser respondida é se houve melhora na inclusão de minorias, diversidade de temáticas e outros pontos cruciais, baseadas na comparação de Lampião com Estação e quais são as diferenças entre eles. De acordo com a suposição levantada anteriormente, Lampião seria vanguardista em trazer temas à frente de seu tempo e não ficara muito aquém de seu parceiro mais recente. Embora melhorias sejam vistas, ainda haveria um longo caminho a ser trilhado a partir da Estação Plural.

É importante ressaltar que, de forma alguma, existe intenção, direta ou indireta, de comparar a corporatura produtiva de Lampião e de Estação Plural, sendo claro que eles participam e foram elaborados em contextos distintos e sob veículos ímpares, um jornal impresso e um *talkshow* televisionado. A partir dessa afirmação, está declarada a pretensão única na comparação das temáticas, linguagens e demais subdivisões da análise de conteúdo. Desta, comparamos os dois veículos com o objetivo de encontrar similaridades e idiossincrasias, comprovando ou não a suspeição inicial de ascensão positiva da imprensa *queer*.

Após um olhar minucioso sobre cada um dos produtos, é possível aferir características relativamente diferentes em cada uma das produções. Enquanto Lampião se esforçava em criar um perfil, de certa forma padronizado, para preencher o imagético do que é ser LGBTQIA+, principalmente *gays*, baseado num relativo elitismo cultural, Estação Plural parece se preocupar muito mais em construir um diálogo entre programa e telespectador, sem muitas definições ou claras tentativas de se produzir um ideal *queer*, numa profusão colorida de temas e linguagens.

Para exemplificar a afirmação, pode-se analisar a comparação de temas abordados, tanto de forma macro como micro. Nas temáticas mais capilares, observa-se que em Lampião é presente uma assimetria maior que em Estação, ou seja, alguns temas são mais presentes do que outros. Já de forma macro, observa-se que Lampião tem uma preferência por pautas opinativas, principalmente as que refletem os ideais do editorial, enquanto 31,3% das pautas em Lampião são com viés opinativo, 14,2% das discussões em Estação são opinativas. Já temas referentes à política, sociedade e ciência são 41,5% da produção em Estação, e 27,7% em Lampião, expondo um lado mais dialógico e propositivo de Estação e uma escrita mais carregada e identitária em Lampião.

Revelando uma expansão, ao menos no que se refere à representatividade LGBTQIA+ nos produtos da imprensa *queer*, consegue-se ver no objeto mais recente a inclusão de

subgrupos, antes ausentes, nas abordagens tematizadas. Assexuais, bissexuais, gêneros fluidos e crianças transexuais, que não estavam no primeiro ano de Lampião, aparecem nos episódios de Estação, mesmo que não na mesma proporção de *gays* (6%) e lésbicas (6%).

A comunidade como um conjunto está em primeiro lugar (23%) nas abordagens de Estação, enquanto em Lampião, em 4° (5%). Em primeiro ficam os homossexuais, com 29% e, em segundo, os *gays,* com 23%. Em Estação Plural, 38,5% dos blocos se referem a temas que não trazem a questão da sexualidade, já em Lampião, 21% vagam por temas que não a sexualidade, apontando uma amplitude temática maior no *talkshow* da TV Brasil.

No entanto, também são vistas muitas similaridades entre os produtos. Ambos vão além do que se espera de uma obviedade *queer* e disputam com a heteronormatividade ainda presente em ambos os contextos externos. Os dois, de maneiras distintas, enfrentam o conservadorismo tanto na política como na opinião pública. Por mais irônico que seja, enquanto Lampião existiu durante a ditadura militar, a Estação Plural dividiu espaço com movimentos que pediam o retorno do mesmo regime ditatorial, defendido e financiado pelo governo em exercício. Ambos os produtos também contaram com a participação do público externo, por meio de cartas para Lampião e entrevistas na rua em Estação.

Para concluir, mesmo com 40 anos de intervalo e algumas diferenças pontuais na linguagem e nas temáticas presentes, tanto Estação Plural quanto Lampião da Esquina são a comprovação de que as principais marcas da imprensa *queer* são a resistência e oposição ao recrudescimento do moralismo. Fiéis defensores da liberdade e da comunidade LGBTQIA+ ensinam sobre a constante necessidade de monitoramento e luta, pois a cadela do fascismo está sempre no cio, como escreveu Brecht (2018).

4 CONCLUSÕES E CAMINHOS POR CONQUISTAR

Após a revisão do contexto sócio-histórico e uma investigação profunda do primeiro ano em cada um dos objetos estudados, ambas apoiadas por uma pesquisa bibliográfica, pode-se aferir, ao menos a partir da base deste trabalho, a comprovação da nossa expectativa inicial em relação a essas publicações.

A imprensa *queer* realmente nasceu da e para a luta. Desde o seu início foi definida por uma resistência ao contexto contraproducente apresentado às minorias sexuais. Sofreu oposição por parte do Estado, representado por figuras políticas moralistas e parte da sociedade brasileira. O contexto de exílio e uma inquisição jurídica a Lampião tentou colocá-lo à sombra da *soçaite,* mas como um barco que sofre tempestade em alto mar e segue firme e sereno ao seu destino, Lampião permaneceu até onde conseguiu. O destino aqui era tratar de forma profissional e

diversa a vivência LGBTQIA+, para a partir disso construir uma identidade *queer* brasileira e que existisse uma comunidade de sólido apoio àqueles tão maltratados.

Lampião talvez não tenha durado tanto tempo, mas deixou uma semente. Semente que resistiu e se reproduziu até chegar à Estação Plural, 40 anos depois, programa que orgulhou seus antecessores, sendo um produto ainda mais afiado, ajustando a rota para não cometer os mesmos enganos de Lampião. Mesmo assim, pequenos erros ainda podem ser encontrados nesta produção mais recente, se o olhar focar a perfeição (inexistente).

Que a boa história se repita! O futuro está aí para que venha uma nova imprensa *queer* ainda mais diversa e não deixando ninguém para trás. Que resista e tenha presença constante, forte e orgânica. Que mais que diferente, faça a diferença e mostre a diversidade, o diverso, o único, a alteridade, o respeito, a luta, os direitos, os temas que devem estar na mídia sem tabus… e que nenhum passo mais seja dado para trás.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALESSI, Gil. **Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido**. 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html. Acesso em: 24 mar. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** – um manual prático. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BECKER, S. Howard. **Outsiders** – Estudos da Sociologia do Desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRANDÃO, Kelder; HERKENHOFF, Joana d'Arc B. **Escola sem partido atenta contra o papel da escola e do professor**. 2022. Disponível em: https://www.agazeta.com.br/artigos/escola-sem-partido-atenta-contra-o-papel-da-escola-e-do-professor-0322. Acesso em: 24 mar. 2022.

BRECHT, Bertolt. **Bertolt Brecht Fundamental.** vol. 2. Teatro completo. 6 volumes. São Paulo: Saraiva, Paz e Terra, 2018.

BULGARELLI, Lucas. Um impeachment, algumas tretas e muitos textões: notas sobre o movimento LGBT brasileiro pós-2010. *In:* GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018.

CARVALHO, Lucas Borges. A censura política à imprensa na ditadura militar: fundamentos e controvérsias. **Revista da Faculdade de Direito** – UFPR, Curitiba. vol. 59. n. 1. 2014. p. 79-100.

CRUZ, Rodrigo. Do protesto de rua à política institucional: A causa homossexual nas eleições de 1982. *In:* GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018.

FANTÁSTICO. **Quem Sou Eu?:** conheça crianças transgêneros na estreia da nova série. 2017. Disponível em: https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/03/quem-sou-eu-conheca-criancas-transgeneros-na-estreia-da-nova-serie.html. Acesso em: 13 fev. 2022.

GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e busca da verdade. 2 ª Reimpressão, São Carlos: Editora EdUFSCar, 2021.

GSHOW. **'Falas de Orgulho'**: especial celebra a diversidade LGBTQIA+ e a luta contra a homofobia. 2021. Disponível em: https://gshow.globo.com/series/noticia/falas-de-orgulho-especial-celebra-a-diversidade-lgbtqia-e-a-luta-contra-a-homofobia.ghtml. Acesso em 13 mar. 2022.

GSHOW. **Ivana conta que é trans, sofre rejeição da família e corta o próprio cabelo**. 2021. Disponível em: https://gshow.globo.com/novelas/a-forca-do-querer/vem-por-ai/noticia/ivana-conta-que-e-trans-sofre-rejeicao-da-familia-e-corta-o-proprio-cabelo.ghtml. Acesso em: 13 mar. 2022.

LAMPIÃO DA ESQUINA. **Edições** (1978-1981). Disponível em: http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/. Acesso em: 22 set. 2021.

LIMA, Marcus A. A. Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil. **Biblioteca Online de ciências da comunicação**. Bahia, 2001.

LUCIANO, Antoniele. **'Cura gay'**: Entenda por que terapias de conversão sexual são um equívoco. 2022. Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/02/19/cura-gay-entenda-por-que-terapias-de-conversao-sexual-sao-um-equivoco.htm. Acesso em: 24 mar. 2022.

MACRAE, Edward; FRY, Peter. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

MACRAE, Edward. **A construção de igualdade:** identidade sexual e política no Brasil da abertura. Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2018.

MATTOS, Fernando. **Direitos fundamentais da população LGBT e o seu reconhecimento judicial**. Disponível em: https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/direitoslgbt_1. pdf. Acesso em: 17 out. 2021.

MORENO, Sayonara. **Estação Plural**: TV Brasil estreia amanhã primeiro programa LGBT em rede aberta. Agência Brasil, Salvador. 2016. Disponível em:

https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-03/estacao-plural-tv-brasil-estreia-amanha-primeiro-programa-lgbt-em-rede#. Acesso em: 27 mar. 2022.

MOTT, Luís. O imprescindível GGB, Grupo Gay da Bahia. *In:* GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018.

ORTH, Thiana; SOARES, Jéssica Degrandi. Empresa Brasil de Comunicação (EBC): a comunicação pública em declínio. **Rev. katálysis**, Florianópolis , v. 23, n. 3, p. 439-448, Dec. 2020 . Available from <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802020000300439&lng=en&nrm=iso>. access on 09 May 2022. Epub Oct 16, 2020. https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p439.

PAINS, Clarissa. **'Menino veste azul e menina veste rosa', diz Damares Alves em vídeo**. 2019. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024. Acesso em: 24 mar. 2022.

QUINALHA, Renan. **Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro** *In.* GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018.

REIS, Lívia; CUNHA, Magali; ABREU, Gabrielle. “Mamadeira e piroca” versão 2020. **Revista Piauí**. Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/mamadeira-de-piroca-versao-2020/. Acesso em: 27 mar. 2022.

RODRIGUES, Jorge Caê. Um lampião iluminando esquinas escuras da ditadura. *In:* GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e busca da verdade. 2ª Reimpressão, São Carlos: Editora EdUFSCar, 2021.

RODRIGUES, Jorge Caê. A imprensa gay do Brasil. *In:* GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018.

RODRIGUES, Rita de Cássia C. *In:* GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e busca da verdade. 2ª Reimpressão, São Carlos: Editora EdUFSCar, 2021.

SILVA, Ellis Regina Araújo da. **Transgressão e felicidade**: uma abordagem da temática homossexual a partir das cartas dos leitores enviadas à revista G Magazine. 2003. Dissertação (Mestrado em comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. Brasília, 2003.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**.** Ed. revista e ampliada. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

TV BRASIL. **Estação Plural**: diverso, divertido e completamente diferente. Disponível em: https://tvbrasil.ebc.com.br/estacaoplural/. Acesso em: 4 out. 2021.